

“A filosofia deveria verdadeiramente apenas poetar-se” – a poética dos jogos de linguagem em Wittgenstein

Nuno Ribeiro¹

Resumo: O presente texto pretende elucidar a importância da noção de “poetar” no contexto do desenvolvimento do conceito de jogos de linguagem no pensamento de Wittgenstein, após o seu retorno à filosofia em 1929. Com efeito, numa observação redigida entre 1933 e 1934 e publicada em *Cultura e Valor*, Wittgenstein diz poder resumir a sua atitude perante a filosofia ao afirmar: *a filosofia deveria verdadeiramente apenas poetar-se*. Ao longo dos diversos testemunhos wittgensteinianos encontramos inúmeros indícios que estabelecem o paralelo entre o conceito de poetar e o desenvolvimento do método filosófico wittgensteiniano, assente na progressiva produção de jogos de linguagem fictícios construídos para elucidar as hipóteses filosóficas que esse autor pretende apresentar. Assim, neste texto pretendemos mostrar de que forma a filosofia de Wittgenstein faculta uma poética dos jogos de linguagem.

Palavras-Chave: Wittgenstein; filosofia; poetar; jogos de linguagem.

Abstract: This text intends to elucidate the importance of the notion of “poetizing” in the context of Wittgenstein’s development of the concept of language games, after his return to philosophy in 1929. In fact, in a remark, written between 1933 and 1934 and published in *Culture and Value*, Wittgenstein says that his attitude regarding philosophy can be summed up by saying: *one should really only poetize philosophy*. Throughout the several Wittgensteinian testimonies one finds many clues that enable to establish the parallel between the concept of poetizing and the development of Wittgenstein’s philosophical method, based on the production of language games created to elucidate the philosophical hypotheses of this author. Thus, this text intends to show in which sense Wittgenstein’s philosophy provides a poetics of the language games.

Keywords: Wittgenstein; philosophy; poetizing; language games.

O conceito de “poetar” (“dichten”) configura-se como um elemento de fundamental relevo para a compreensão do método filosófico de Wittgenstein, após o seu retorno a Cambridge e à filosofia em 1929, assim como para o estabelecimento de uma poética dos jogos de linguagem que viria a estar na base do método deste autor. Com efeito, numa observação, escrita por volta de 1933-1934 e publicada em *Cultura e Valor*, Wittgenstein afirma:

¹ Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências. Este trabalho foi realizado no decurso de uma pesquisa de pós-doutorado com o apoio financeiro da FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, (Processo n.º: 2012/12102-0), no âmbito do projecto temático “Wittgenstein em Transição” (Processo n.º: 2012/50005-6). E-mail: nuno.f.ribeiro@sapo.pt.

Penso ter resumido a minha atitude perante a filosofia ao afirmar: a filosofia deveria verdadeiramente apenas *poetar-se*. A partir disso deve, parece-me, mostrar-se até que ponto o meu pensamento pertence ao presente, futuro, ou ao passado.²

Neste trecho Wittgenstein estabelece a explícita conexão entre a sua atitude perante a filosofia e o conceito de “poetar”, afirmando que a filosofia deveria apenas apresentar-se como um acto de *poetar*. A comparação entre a filosofia (“Philosophie”) e o acto de poetar (“dichten”) é também referida nas “Discussões de Sábado de Wittgenstein: 1946-1947”, publicadas em *Ocasões Públicas e Privadas*, onde lemos: “Um problema filosófico é profundo na medida em que um poema ou uma face ou uma peça de música são profundos.”³ Ao longo dos inúmeros escritos redigidos pelo autor austríaco após 1929 encontramos inúmeras pistas para compreensão da forma como o conceito de “poetar”, presente no pensamento filosófico wittgensteiniano, se encontra ligado à ideia de uma poética dos jogos de linguagem. Uma importante pista para se compreender essa conexão é-nos facultada pelo conceito de morfologia apresentado por Wittgenstein no decurso das suas lições sobre filosofia da psicologia, ministradas entre 1946-1947. Com efeito, segundo o testemunho de Norman Malcolm presente em *Ludwig Wittgenstein: A Memoir*, Wittgenstein, no decurso das suas lições sobre filosofia da psicologia de 1946 e 1947, deixa-nos a seguinte indicação relativa ao seu procedimento filosófico:

O que eu faço é a morfologia do uso de uma expressão. Eu mostro que ela tem usos com os quais vocês nunca sonharam. Em filosofia sentimo-nos forçados a olhar para um conceito de um certo modo. O que eu faço é sugerir, ou mesmo inventar, outros modos de olhar para ele. Eu sugiro possibilidades nas quais vocês não haviam previamente pensado. Pensavam que havia apenas uma possibilidade ou duas no máximo. Mas eu faço-vos pensar noutras. Além disso, faço-vos ver que era absurdo esperar que o conceito se conformasse a essas possibilidades restritas. Assim, a vossa câimbra mental é

² Ludwig Wittgenstein, *Culture and Value/Vermischte Bemerkungen*, ed. G.H. Von Wright in collaboration with Heikki Nyman, revised edition of the text Alois Pichler, tr. Peter Winch, Oxford: Blackwell, 1998, p.28: „Ich glaube meine Stellung zur Philosophie dadurch zusammengefaßt zu haben indem ich sage: Philosophie dürfte man eigentlich nur *dichten*. Daraus muß sich, scheint mir, ergeben, wie weit mein Denken der Gegenwart, Zukunft, oder der Vergangenheit angehört.“ (As traduções do original são da nossa responsabilidade.)

³ Ludwig Wittgenstein, *Public and Private Occasions*, edited by James C. Klagge and Alfred Norman, Lanham / Boulder / New York / Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003, p.401: “A philosophical problem is deep in the way that a poem or a face or a piece of music is deep.”

aliviada e tem-se liberdade para examinar o campo de uso de uma expressão e para descrever os seus diferentes usos.⁴

De acordo com este testemunho, correspondente a uma nota tirada por Norman Malcolm no decurso das lições wittgensteinianas sobre filosofia da psicologia de 1946-1947, Wittgenstein afirma de que aquilo que a sua filosofia procura fazer é fornecer a morfologia do uso de uma expressão, indicando que para tal é necessário sugerir ou mesmo inventar outros modos de olhar para um conceito. Numa observação, redigida por Wittgenstein em 1930 e publicada em *Cultura e Valor*, lemos a seguinte afirmação a respeito da conexão entre o desenvolvimento do estilo filosófico deste autor e a criação de diversos olhares sobre um mesmo objecto de estudo:

Cada frase que eu escrevo pretende dizer sempre já o todo, portanto, sempre uma determinada coisa repetidamente e é quase como se contemplasse apenas vistas de um mesmo objeto sob diferentes ângulos.⁵

Esta observação ressalta a importância da consideração de um determinado objecto sob diversos ângulos, traduzidos na produção de diversos olhares, para o desenvolvimento do método de escrita filosófico de Wittgenstein. A importância da criação de modos ficcionais de olhar para um conceito é-nos também sugerida por uma observação, escrita em 1948 e publicada em *Cultura e Valor*, onde lemos: “Nada é, porém, mais importante do que a construção de conceitos ficcionais que, antes de tudo, nos ensinem a compreender os nossos.”⁶ De acordo com esta observação, a construção de conceitos ficcionais, veiculados através da criação de modos diferentes de olhar para um objecto, constitui-se como um procedimento de especial destaque para compreender o desenvolvimento dos nossos próprios conceitos. A criação de conceitos ficcionais na filosofia de Wittgenstein é realizada através da criação de jogos de linguagem fictícios.

⁴ Norman Malcolm, *Ludwig Wittgenstein: A memoir*, with a Biographical Sketch by G. H. von Wright, second edition with Wittgenstein's letters to Malcolm, Oxford: Clarendon Press, 2001, p.43: “What I give is the morphology of the use of an expression. I show that it has kinds of uses of which you had not dreamed. In philosophy one feels *forced* to look at a concept in a certain way. What I do is to suggest, or even invent, other ways of looking at it. I suggest possibilities of which you had not previously thought. You thought that there was one possibility, or only two at most. But I made you think of others. Furthermore, I made you see that it was absurd to expect the concept to conform to those narrow possibilities. Thus your mental cramp is relieved, and you are free to look around the field of use of the expression and to describe the different kinds of uses of it.”

⁵ Ludwig Wittgenstein, *Culture and Value/Vermischte Bemerkungen*, p.9: „Jeder Satz den ich Schriebe meint immer schon das Ganze also immer wieder dasselbe & es sinf quasi nur Ansichten eines Gegenstandes unter verschiedenen Winkeln betrachtet.“

⁶ Ludwig Wittgenstein, *Culture and Value/Vermischte Bemerkungen*, p.85: „Nichts ist doch wichtiger, als die Bildung von fiktiven Begriffen, die uns die unseren erst verstehen lehren“.

Com efeito, na Parte III, observação 115, das *Anotações sobre as cores*, lemos o seguinte: “Eu digo: quem não consegue jogar *este* jogo, não possui *este* conceito.”⁷ Se estar na posse de um certo conceito pressupõe jogar um determinado jogo, a criação de conceitos ficcionais significa a construção de jogos de linguagem fictícios. Nas *Investigações Filosóficas*, observação 492, lemos a respeito da conexão entre a gramática da palavra “linguagem” (“Sprache”) e a gramática da palavra inventar (“erfinden”):

Inventar uma linguagem poderia significar inventar, com base em leis da natureza (ou em consonância com elas), um mecanismo para um determinado fim; mas tem também outro sentido, análogo a esse, em que falamos da invenção de um jogo.

Aqui, afirmo algo sobre a gramática da palavra “linguagem” ao pô-la em relação com a gramática da palavra “inventar”.⁸

No entanto, para se compreender de que forma a noção de morfologia e a criação de conceitos ficcionais – realizados através de construção de jogos de linguagem fictícios – se constituem como elementos importantes para a constituição de uma poética dos jogos de linguagem no pensamento de Wittgenstein, é necessário ter em consideração a caracterização wittgensteiniana do método morfológico.

O método morfológico wittgensteiniano é o resultado de uma reapropriação do conceito de morfologia presente no pensamento de Goethe,⁹ com o qual Wittgenstein terá entrado em contacto no início de 1930 através da leitura do livro *A Decadência do Ocidente – Esboço de uma Morfologia da História Universal* de Oswald Spengler. No que diz respeito à leitura de *A Decadência do Ocidente* encontramos nos diários

⁷ Ludwig Wittgenstein, *Remarks on Colour/Bemerkungen über die Farben*, edited by G. E. M. Anscombe, translated by Linda L. MacAlister and Margarete Schättle, Oxford: Blackwell, 1977, p.31: „Ich sage: Wer *dies* Spiel nicht spielen kann, hat *diesen* Begriff nicht.“

⁸ Ludwig Wittgenstein, *Philosophical Investigations/Philosophische Untersuchungen*, Revised 4th ed. P.M. Hacker and Joachim Schulte, tr. G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker and Joachim Schulte, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p.145: „Eine Sprache erfinden, könnte heißen, auf Grund von Naturgesetzen (oder in Übereinstimmung mit ihnen) eine Vorrichtung zu bestimmtem Zweck erfinden; es hat aber auch den andern Sinn, dem analog, in welchem wir von der Erfindung eines Spiels reden. /Ich sage hier etwas über die Grammatik des Wortes “Sprache” aus, indem ich sie mit der Grammatik des Wortes “erfinden” in Verbindung bringe.“

⁹ Sobre a relação da filosofia wittgensteiniana com o pensamento goethiano, assim como as questões relativas às leituras que Wittgenstein terá realizado das obras de Goethe remetemos para as seguintes referências bibliográficas: Joachim Schulte, *Chor und Gesetz – Wittgenstein im Kontext*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1990; Brian McGuinness, “In the shadow of Goethe: Wittgenstein's intellectual project”, *European Review*, Volume 10, Issue 4, 2002, pp. 447-457; M. W. Rowe. *Goethe and Wittgenstein*. *Philosophy*, Vol. 66, Issue 257, 1991, pp. 283-303.

publicados sob o título de *Movimentos de Pensamento* a seguinte indicação datada de 6 de Maio de 1930:

Estou lendo a *Decadência* etc. de Spengler & encontro apesar de muitos detalhes irresponsáveis, muitos pensamentos importantes e significativos. Muitas coisas, talvez a maioria, ocupam-se inteiramente com o que eu próprio muitas vezes tenho pensado. A possibilidade de uma grande número de sistemas fechados que uma vez que tenham sido examinados é como se um fosse a continuação do outro.¹⁰

Ainda a respeito da importância do pensamento spengleriano na filosofia wittgensteiniana encontramos a seguinte observação, redigida em 1931, onde Wittgenstein refere o no nome de Spengler contexto da enumeração da lista de autores que mais influenciaram o seu pensamento:

Existe, creio, alguma verdade quando considero que eu sou, no meu pensamento, apenas reprodutivo. Creio que nunca *inventei* um movimento de pensamento, mas antes que me foi sempre dado por outra pessoa e que eu apenas o tomei imediatamente, de um modo apaixonado, para o meu trabalho de clarificação. Assim me influenciaram Boltzman Hertz Schopenhauer Frege, Russell, Kraus, Loos Weininger Spengler, Sraffa. Poderemos considerar Breuer e Freud como exemplos de reprodutividade judaica? – O que eu crio são novas *analogias*.¹¹

Nesta observação Wittgenstein põe em destaque o carácter reprodutivo do seu pensamento, afirmando que a originalidade da sua forma de pensar consiste não na produção de novos movimentos de pensamento, mas antes na criação de novas analogias. Deste modo, o método morfológico realizado por Wittgenstein constitui-se, por analogia, como uma transposição para o domínio da filosofia da linguagem do método que é aplicado por Goethe ao domínio da ciência da natureza e por Spengler ao

¹⁰ Ludwig Wittgenstein, *Public and Private Occasions*, p.24: „Lese Spengler Untergang etc. & finde trotz des vielen Unverantwortlichen im Einzelnen, viele wirkliche, bedeutende Gedanken. Vieles, vielleicht das Meiste berührt sich ganz mit dem was ich selbst oft gedacht habe. Die Möglichkeit ~~der~~ einer Mehrzahl abgeschlossener Systeme welche wenn man sie einmal hat ausschauen als sei das eine die Fortsetzung des Anderen.“

¹¹ Ludwig Wittgenstein, *Culture and Value/Vermischte Bemerkungen*, p.16: „Es ist, glaube ich eine Wahrheit darin wenn ich denke, daß ich eigentlich in meinem Denken nur reprodutiv bin. Ich glaube ich habe nie eine Gedankenbewegung erfunden sondern sie wurde mir immer von jemand anderem gegeben und ich habe sie nur sogleich leidenschaftlich zu meinem Klärungswerk aufgegriffen. So haben mich Boltzmann, Hertz, Schopenhauer, Frege, Russell, Kraus, Loos, Weininger, Spengler, Sraffa beeinflusst. Kann man als ein Beispiel der jüdischen Reproduktivität Breuer und Freud heranziehen? — Was ich erfinde sind neue *Gleichnisse*.“

campo da história universal. Assim, do conceito de morfologia Wittgenstein retira dois princípios que viram a estar na base do desenvolvimento da sua filosofia após 1929.¹²

O primeiro princípio morfológico do qual Wittgenstein se reapropria encontra-se expresso na máxima de Goethe citada pelo próprio Wittgenstein na observação 889 do primeiro volume das *Observações sobre a Filosofia da Psicologia*, onde lemos: “Não procuremos nada por detrás dos fenómenos; eles próprios são a doutrina. (Goethe)”¹³ Num texto de Goethe, onde o autor alemão nos apresenta uma definição de morfologia, encontramos a seguinte clarificação desse princípio:

Morfologia[:] Reside na convicção de que tudo o que existe se deve também dar a entender e mostrar por si próprio. Afirmamos que este princípio é válido desde os primeiros elementos físicos e químicos, até à exteriorização anímica dos homens.¹⁴

O princípio de acordo com o qual nada se deve procurar por detrás dos fenómenos viria a encontrar expressão na observação 126 das *Investigações Filosóficas* onde lemos:

A filosofia, com efeito, apenas põe todas as coisas diante de nós e nada explica ou deduz. – Como tudo está à vista, nada existe para explicar. Porque o que, porventura, estiver escondido, não nos interessa.¹⁵

O segundo princípio morfológico do qual Wittgenstein se reapropria consiste na afirmação de que nenhum fenómeno se esclarece por si próprio isoladamente, isto é, de que o estudo de um determinado fenómeno depende da elucidação das diversas interconexões que esse fenómeno estabelece com outros fenómenos e do modo como

¹² Para o estudo dos princípios que estão na base do método morfológico de Wittgenstein remetemos para o livro de Kristijan Krkac, intitulado *A Custodian of Grammar – Essays on Wittgenstein’s Philosophical Morphology*, onde existem importantes pistas a respeito dessa temática: Kristijan Krkac *A Custodian of Grammar – Essays on Wittgenstein’s Philosophical Morphology*, Lanham/Boulder/New York/Toronto/Plymouth, University Press of America, 2012.

¹³ Ludwig Wittgenstein, *Remarks on the Philosophy of Psychology/Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, Vol. I, edited by G. E. M. Anscombe and G.H. Von Wright, translated by G. E. M. Anscombe, Oxford, Basil Blackwell, 1980, p.157: „Man suche nichts hinter den Phänomenen; sie selbst sind die Lehre.“ (Goethe.)“.

¹⁴ Johann Wolfgang Goethe, *Schriften zur Morphologie*, Herausgegeben von Dorothea Kuhn, Frankfurt am Main, Deutscher Klassiker Verlag, 1987, p.349: „Morphologie[:] Ruht auf der Überzeugung daß alles was sei sich auch andeuten und zeigen müsse. Von den ersten physischen und chemischen elemente an, bis zur geistigen Äußerung des Menschen lassen wir diesen Grundsatz gelten.“

¹⁵ Ludwig Wittgenstein, *Philosophical Investigations/Philosophische Untersuchungen*, p.55: „Die Philosophie stellt eben alles bloß hin, und erklärt und folgert nichts. – Da alles offen daliegt, ist auch nichts zu erklären. Denn, was etwa verborgen ist, interessiert uns nicht.“

essas sucessivas interconexões permitem encontrar analogias entre as várias realidades tidas sob consideração.¹⁶ É justamente esse princípio que encontramos expresso num texto das *Máximas e Reflexões* de Goethe onde lemos: “Nenhum fenómeno se esclarece em si e a partir de si mesmo; somente muitos observados conjuntamente, ordenados metodicamente, nos podem por fim dar algo que possa valer como teoria.”¹⁷ Noutro texto das *Máximas e Reflexões* de Goethe lemos também nesse sentido: “Um fenómeno, um experimento nada consegue provar, ele é um elo de uma grande cadeia, que só tem valor em conexão.”¹⁸ A respeito deste princípio lê-se igualmente noutro texto das *Máximas e Reflexões*: “A teoria em si e por si em nada é útil, a não ser na medida em que nos faz crer na conexão dos fenómenos.”¹⁹

A afirmação presente no princípio morfológico de acordo com o qual nenhum fenómeno se esclarece por si só e, por conseguinte, que um determinado fenómeno depende da elucidação das diversas interconexões que esse fenómeno estabelece com outros fenómenos viria a encontrar reflexo na noção de “representação perspicua” (“übersichtliche Darstellung”) desenvolvida por Wittgenstein, o que se torna explícito se tivermos em consideração o que este autor nos diz a respeito dessa noção nas

¹⁶ Que Wittgenstein estava ciente do princípio morfológico goethiano segundo o qual nenhum fenómeno se esclarece por si próprio isoladamente e de que o estudo de um determinado fenómeno depende da elucidação das diversas interconexões – bem como subsequentes analogias – que esse fenómeno estabelece com outros fenómenos é-nos comprovado pela observação 950 da primeira parte das *Observações Sobre a Filosofia da Psicologia*, onde encontramos a explícita menção a Goethe. Aí lemos: O que é que, no entanto, uma investigação conceptual faz? É ela [uma investigação] da história natural dos conceitos humanos? – Ora, a história natural descreve, dizemos nós, plantas e animais. Mas não poderia acontecer que as plantas tivessem sido descritas em todas as suas particularidades e que só agora alguém pudesse chegar a ver as analogias na sua estrutura que nunca antes tinham sido vistas? Que ele estabelecesse, desse modo, uma nova ordem nessas descrições. Ele diz, por exemplo: “Não comparem esta parte com esta; antes com aquela.” (Goethe queria fazer algo assim.) E com isso ele não fala necessariamente de *derivação*; mas, ainda assim, o novo arranjo poderia dar uma nova direcção à investigação científica. Ele diz: “Olha isto *assim!*” – e isto pode ter afinal vantagens e consequências de diferentes tipos. [Ludwig Wittgenstein, *Remarks on the Philosophy of Psychology/Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, Vol. I, p.167-168: „Was aber tut eine begriffliche Untersuchung? Ist sie eine der Naturgeschichte der menschlichen Begriffe? – Nun, Naturgeschichte beschreibt, sagen wir, Pflanzen und Tiere. Aber könnte es nicht sein, daß Pflanzen in allen Einzelheiten beschrieben worden wären, und nun erst jemand daherkäme, der Analogien in ihrem Baue sieht, die man früher nicht gesehen hatte? Daß er also eine neue Ordnung in diesen Beschreibungen herstellt. Er sagt z.B.: ‚Vergleiche nicht diesen Teil mit diesem; sondern vielmehr mit jenem!‘ (Goethe wollte so etwas tun.) Und dabei spricht er nicht notwendigerweise von *Abstammung*; dennoch aber *könnte* die neue Anordnung auch der wissenschaftlichen Untersuchung eine neue Richtung geben. Er sagt ‚Sieh es *so an!*‘ – und das kann nun verschiedenerlei Vorteile und Folge haben.“]

¹⁷ Johann Wolfgang Goethe, *Sprüche in Prosa*, Herausgegeben von Harald Fricke, Frankfurt am Main, Deutscher Klassiker Verlag, 1993, p.227: „Kein Phänomen erklärt sich an und aus sich selbst; nur viele zusammen überschaut, metodisch geordnet, geben zuletzt etwas was für Theorie gelten könnte.“

¹⁸ *Idem*, p.17: „Ein Phänomen, ein Versuch kann nichts beweisen, es ist das Gleich einer großen Kette, das erst im Zusammenhange gilt.“

¹⁹ *Idem*, p.44: „Die Theorie an und für sich ist nichts nütze, als in so fern sie uns den Zusammenhang der Erscheinungen glauben macht.“

Observações sobre o Ramo Dourado de Frazer, onde nos apresenta uma descrição do conceito de “representação perspícua”, acompanhada de uma referência explícita ao nome de Spengler e implícita ao livro *A Decadência do Ocidente – Esboço de uma Morfologia da História Universal*. Com efeito, lemos no texto das *Observações sobre o Ramo Dourado de Frazer*:

O conceito de representação perspícua é para nós de fundamental importância. Ele indica a nossa forma de representação, o modo como nós vemos as coisas. (Uma forma de ‘mundividência’, como parece aparentemente típico do nosso tempo. Spengler.)

Esta representação perspícua proporciona a compreensão que consiste precisamente em “vermos conexões”. Daí a importância de encontrar os termos intermediários.

Um elo intermediário hipotético poderia, porém, neste caso fazer não mais do que direcionar a nossa atenção para uma semelhança, uma conexão, dos *factos*.²⁰

Na observação 122 das *Investigações Filosóficas*, lemos também a seguinte passagem a respeito da noção de representação perspícua:

Uma fonte principal da nossa incompreensão consiste em não *vermos perspicuamente* o uso das nossas palavras. – Falta perspicuidade à nossa gramática. – A representação perspícua proporciona a compreensão que consiste precisamente em

²⁰ Ludwig Wittgenstein, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, edited by James C. Klagge and Alfred Nordman, Indianapolis & Cambridge, Hackett, 1993, p.133: „Der Begriff der übersichtlichen Darstellung ist für uns von grundlegender Bedeutung. Er bezeichnet unsere Darstellungsform, die Art, wie wir die Dinge sehen. (Eine Art der ‚Weltanschauung‘, wie sie scheinbar für unsere Zeit typisch ist. Spengler.) Diese übersichtliche Darstellung vermittelt das Verständnis, welche eben darin besteht, daß wir die „Zusammenhänge sehen“. Daher die Wichtigkeit des Findens von *Zwischengleidern*./ Ein hypothetisches Zwischengleid aber soll in diesem Falle nichts tun, als die Aufmerksamkeit auf die Ähnlichkeit, den Zusammenhang, der *Tatsachen* lenken.“ É interessante notar que nas *Observações sobre o Ramo Dourado de Frazer* Wittgenstein cita, no parágrafo imediatamente anterior àquele em que refere o nome de Spengler, um verso do poema “A metamorfose das plantas” de Goethe, o que se torna ainda mais interessante se tivermos em consideração que, segundo Goethe, a ideia de metamorfose é a “chave” (“Schlüssel”) para a compreensão da noção de morfologia (cf.: Johann Wolfgang Goethe, *Schriften zur Morphologie*, p.349). Com efeito, lemos nesse parágrafo de Wittgenstein das *Observações sobre o Ramo Dourado de Frazer* a seguinte passagem que inicia com a citação de um verso de Goethe do poema “A Metamorfose das plantas”: “‘E assim aponta o coro uma lei secreta’ gostaríamos de dizer à coleção de factos de frazeriana. Esta lei, esta ideia, *posso* apenas representar através de uma hipótese evolutiva ou, de modo análogo ao esquema de uma planta, através do esquema de uma cerimónia religiosa ou ainda apenas através do agrupamento de factos materiais, numa representação ‘perspícua’.” [Ludwig Wittgenstein, *Philosophical Occasions: 1912-1951*, p.133 „Und so deutet das Chor auf ein geheimes Gesetz“ möchte man zu der Frazer’schen Tatsachensammlung sagen. Dieses Gesetz, diese Idee, *kann* ich nun durch eine Entwicklungshypothese darstellen oder auch, analog dem Schema einer Pflanze, durch das Schema einer religiösen Zeremonie oder aber durch die Gruppierung des Tatsachenmaterials allein, in einer „übersichtlichen“ Darstellung.“]

“veremos conexões”. Daí a importância de encontrar e inventar os *termos intermediários*.²¹

Nesta observação, Wittgenstein estabelece a importância de encontrar e inventar elos intermediários para alcançar a ‘representação perspicua’. A importância da invenção de elos intermediários, referida na observação 122 das *Investigações Filosóficas*, conjugada com os elementos acima referidos relativos à importância da criação de conceitos ficcionais – por via da construção jogos de linguagem fictícios – constituem-se como o pano de fundo a partir do qual é possível estabelecer uma clarificação do conceito wittgensteiniano de “poetar” e, desse modo, elucidar o possível sentido de uma poética dos jogos de linguagem no pensamento do autor austríaco. No entanto, a compreensão do estabelecimento de uma poética dos jogos de linguagem em Wittgenstein deve ser compreendida no quadro da reavaliação das problemáticas ligadas à estética, no pensamento deste autor, após 1929. Com efeito, apesar de o *Tractatus Logico-Philosophicus* reduzir a estética ao silêncio,²² isto é, ao domínio daquilo que não pode ser dito com sentido, mas apenas mostrado, encontramos, após o retorno de Wittgenstein a Cambridge e à filosofia, uma reconsideração das temáticas relativas à estética que abrem não só a possibilidade de um discurso da arte e sobre a arte, mas também nos permitem compreender a importância da estética para o aprofundamento e elucidação das questões ligadas ao desenvolvimento do método filosófico de Wittgenstein após o seu retorno a Cambridge. Um importante dado para se compreender a relevância da estética para o desenvolvimento da filosofia de Wittgenstein após 1929 é referido nas “Lições de Wittgenstein em 1930-1933”, publicadas por George Edward Moore nos anos de 1954 e 1955 na revista *Mind*,²³ onde lemos:

Ele [Wittgenstein] introduziu toda a sua discussão sobre a Estética ao lidar com um problema sobre o sentido das palavras,

²¹ Ludwig Wittgenstein, *Philosophical Investigations/Philosophische Untersuchungen*, p.54: „Es ist eine Hauptquelle unseres Unverständnisses, daß wir den Gebrauch unserer Wörter nicht *übersehen*. – Unserer Grammatik fehlt es an Übersichtlichkeit. – Die übersichtliche Darstellung vermittelt das Verständnis, welches eben darin besteht, daß wir die ‘Zusammenhänge sehen’. Daher die Wichtigkeit des Findens und des Erfindens von *Zwischengliedern*.“

²² A propósito do caráter inefável da estética no *Tractatus Logico-Philosophicus* veja-se a proposição 6.421, onde, a respeito da comparação entre estética e ética, Wittgenstein alude à impossibilidade de pôr a estética – assim como a ética – em palavras, querendo com isto significar a incapacidade de se produzir proposições estéticas com sentido. Cf.: WITTGENSTEIN, 1961, p.146.

²³ Cf.: George Moore, “Wittgenstein’s Lectures in 1930-33 – Part I”, *Mind* 63, 1954, pp.1-15; George Moore, “Wittgenstein’s Lectures in 1930-33 – Part II”, *Mind* 63, 1954, pp.289-316; George Moore, “Wittgenstein’s Lectures in 1930-33 – Part III”, *Mind* 64, 1955, pp.1-27; George Moore, “Two Corrections”, *Mind* 64, 1955, p.264.

com o qual ele disse que ainda não havia lidado. Ele ilustrou esse problema através do exemplo da palavra “jogo”, a respeito da qual ele disse duas coisas (1) que, mesmo que exista algo comum a todos os jogos, não se segue daí que isso é o que nós queremos significar ao chamar “jogo” a um determinado jogo, e (2) que a razão pela qual nós denominamos tantas actividades diferentes de “jogos” não se deve ao facto de existir algo em comum entre todos eles, mas apenas ao facto de existir “uma transição gradual” de um uso para outro, ainda que nada exista em comum entre os dois polos das séries. E ele parece ter defendido definitivamente que não existe nada em comum nos nossos diferentes usos da palavra “belo”, dizendo que nós a usamos “em centenas de jogos diferentes” – que, *e.g.* a beleza de uma face é algo diferente da beleza de uma cadeira ou de uma flor ou da encadernação de um livro.²⁴

De acordo com o testemunho de Moore nas “Lições de Wittgenstein em 1930-1933”, Wittgenstein introduz a sua discussão sobre a estética ao lidar com o problema do sentido das palavras e ilustrando esse problema através do exemplo da palavra ‘jogo’. O facto de Wittgenstein escolher a palavra ‘jogo’ para ilustrar a discussão sobre a estética mostra a importância da estética para o desenvolvimento da filosofia de Wittgenstein após 1929, tendo em consideração que o esclarecimento e especificação de diferentes jogos de linguagem viriam a tornar-se o centro da filosofia de Wittgenstein na sequência do seu retorno a Cambridge. No entanto, o testemunho de Moore introduz outro aspecto de fundamental relevo para a compreensão do sentido do método morfológico wittgensteiniano. Esse aspecto consiste na ideia de ‘transição gradual’ à qual – segundo o texto de Moore – Wittgenstein faz apelo.

Com efeito, segundo Moore, Wittgenstein ao introduzir a noção de ‘jogo’ para ilustrar os problemas relativos à estética estabelece dois princípios: primeiro, que aquilo que faz com que chamemos ‘jogo’ a algo não depende de existir um elemento comum a todos os jogos; segundo, que aquilo que determina que caracterizemos tantas actividades diferentes como ‘jogos’ se deve apenas ao facto de existir uma ‘transição gradual’ de um uso para outro, mesmo que nada exista em comum entre os dois polos

²⁴ George Moore, “Wittgenstein’s Lectures in 1930-33 – Part III”, in *Mind* 64, 1955, p.17: “He [Wittgenstein] introduced his whole discussion of Aesthetics by dealing with one problem about the meaning of the words, with which he said he had not yet dealt. He illustrated this problem by the example of the word “game”, with regard to which he said both (1) that, even if there is something common to all games, it doesn’t follow that this is what we mean by calling a particular game a “game”, and (2) that the reason why we call so many different activities “games” need not be that there is anything common to them all, but only that there is “a gradual transition” from one use to another, although there may be nothing in common between the two ends of the series. And he seemed to hold definitely that there is nothing in common in our different uses of the word “beautiful”, saying that we use it “in a hundred different games” – that, *e.g.* the beauty of a face is something different from the beauty of a chair or a flower or the binding of a book.”

das séries. A ideia de ‘transição gradual’, referida por Wittgenstein no decurso das suas lições de 1930-1933, corresponde a um dos pressupostos subjacentes ao desenvolvimento do método morfológico e é a chave para compreender o modo como se vão estabelecendo interconexões entre os diversos jogos. É através da progressiva transição gradual de um uso para o outro que se vão estabelecendo conexões entre os diferentes usos das palavras e os diferentes jogos de linguagem, ainda que, como nos diz Wittgenstein, nada exista de comum entre os dois polos das séries de jogos. Lemos a esse respeito nas *Lições de Wittgenstein: 1932-1935*, editadas por Alice Ambrose, o seguinte trecho a propósito da discussão relativa à estética:

A palavra ‘beleza’ é usada para milhares de coisas diferentes. Beleza da face é diferente da das flores ou dos animais. Que estamos jogando jogos absolutamente diferentes é evidente pela diferença que emerge da discussão de cada um. Apenas podemos determinar o sentido da palavra ‘belo’ ao ver como a usamos.²⁵

Todos estes elementos permitem-nos uma aproximação à noção wittgensteiniana de “poetar”. Conforme vimos, um dos meios mais comuns empregues por Wittgenstein para o desenvolvimento dos seus conceitos, após o seu retorno a Cambridge e à filosofia, consiste na criação de jogos de linguagem fictícios e na progressiva elucidação da forma como a transição gradual de um uso de uma expressão para outro uso da mesma expressão possibilita o estabelecimento de conexões entre os diferentes usos das palavras e os diferentes jogos de linguagem. Ao longo dos vários manuscritos e datiloscritos, escritos após 1929 e deixados no *Nachlass* de Wittgenstein, encontramos uma pluralidade de exemplos da construção estética de jogos fictícios criados com o intuito de ilustrar e provar o pensamento filosófico wittgensteiniano acerca da linguagem. Wittgenstein recorre constantemente, nos seus escritos posteriores a 1929, à construção de jogos de linguagem fictícios e à transição de um jogo para o outro jogo como modo de ilustrar a forma como as diversas conexões entre jogos vão produzindo alterações de sentido. Assim, o “poetar” produz-se para Wittgenstein através da construção ficcional de jogos de linguagem e da invenção de conexões intermediárias que possibilitem compreender as sucessivas alterações de sentido produzidas na

²⁵ Ludwig Wittgenstein, *Wittgenstein's Lectures: Cambridge, 1932-1935*, ed. Alice Ambrose, Oxford: Blackwell, 1979, pp.35-36: “The word “beauty” is used for a thousand different things. Beauty of face is different from that of flowers and animals. That one is playing utterly different games is evident from the difference that emerges in the discussion of each. We can only ascertain the meaning of the word “beauty” by seeing how we use it.”

transição de um jogo para o outro. É, neste sentido, que Wittgenstein afirma que a filosofia deveria verdadeiramente apenas poetar-se e, dessa forma, facultar-nos novos modos de olhar para um conceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GOETHE, J. W. (1987). *Schriften zur Morphologie*, Herausgegeben von Dorothea Kuhn. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag.

_____. (1993). *Sprüche in Prosa*, Herausgegeben von Harald Fricke. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag.

KRKAČ, K. (2012). *A Custodian of Grammar – Essays on Wittgenstein's Philosophical Morphology*, Lanham/Boulder/New York/Toronto/ Plymouth, University Press of America.

MALCOLM, N. (2001). *Ludwig Wittgenstein: A memoir*, with a Biographical Sketch by G. H. von Wright, second edition with Wittgenstein's letters to Malcolm. Oxford: Clarendon Press.

MCGUINNESS, B. (2002). "In the shadow of Goethe: Wittgenstein's intellectual project", *European Review*, Vol. 10, Issue 4, pp. 447-457.

MOORE, G. (1954). 'Wittgenstein's Lectures in 1930-33 – Part I', *Mind*, vol.63, pp.1-15.

_____. (1954). 'Wittgenstein's Lectures in 1930-33 – Part II', *Mind*, vol.63, pp.289-316.

_____. (1955). 'Wittgenstein's Lectures in 1930-33 – Part I', *Mind*, vol.64, pp.1-27.

_____. (1955). "Two Corrections", *Mind*, vol.64, 1955a, p.264.

ROWE, M. W. (1991). Goethe and Wittgenstein. *Philosophy*, Vol. 66, Issue 257, pp. 283-303.

SCHULTE, J. (1990). *Chor und Gesetz – Wittgenstein im Kontext*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.

WITTGENSTEIN, L. (1998). *Culture and Value/Vermischte Bemerkungen*, ed. G.H. Von Wright in collaboration with Heikki Nyman, revised edition of the text Alois Pichler, tr. Peter Winch. Oxford: Blackwell.

_____. (2009). *Philosophical Investigations/Philosophische Untersuchungen*, Revised 4th ed. P.M. Hacker and Joachim Schulte, tr. G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker and Joachim Schulte. Oxford: Wiley-Blackwell.

_____. (1993). *Philosophical Occasions: 1912-1951*, edited by James C. Klagge and Alfred Nordman. Indianapolis & Cambridge: Hackett.

_____. (2003). *Public and Private Occasions*, edited by James C. Klagge and Alfred Norman. Lanham / Boulder / New York / Oxford: Rowman & Littlefield Publishers.

_____. (1977). *Remarks on Colour/Bemerkungen über die Farben*, edited by G. E. M. Anscombe, translated by Linda L. MacAlister and Margarete Schättle, Oxford: Blackwell.

_____. (1980). *Remarks on the Philosophy of Psychology/Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie*, Vol. I, edited by G. E. M. Anscombe and G.H. Von Wright, translated by G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell.

_____. (1961). *Tractatus Logico-Philosophicus/Logisch-Philosophische Abhandlung*, with a new Translation by D. F. Pears & B. F. McGuinness and with the Introduction by Bertrand Russell. London: Routledge & Kegan Paul.

_____. *Wittgenstein's Lectures: Cambridge, 1932-1935*, ed. Alice Ambrose.
Oxford: Blackwell.